

UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Psicologia

Ana Julia Rodrigues Damasceno	RA: G2377H-7
Damião Pinheiro de Oliveira	RA: G1984C-9
Eurico Gimenes de Aragão	RA: G219HJ-2
Isabella Soares Costa	RA: N696HH-0
Maria Rita Silva Souza	RA: G25718-9

**APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ENTRE OS PROCESSOS DE LUTO NA INFÂNCIA
E A APRENDIZAGEM INFANTIL: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Araçatuba/SP
2025

UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Psicologia

Ana Julia Rodrigues Damasceno	RA: G2377H-7
Damião Pinheiro de Oliveira	RA: G1984C-9
Eurico Gimenes de Aragão	RA: G219HJ-2
Isabella Soares Costa	RA: N696HH-0
Maria Rita Silva Souza	RA: G25718-9

**APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ENTRE OS PROCESSOS DE LUTO NA INFÂNCIA
E A APRENDIZAGEM INFANTIL: UMA REVISÃO NARRATIVA DA
LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Psicologia apresentado à Universidade
Paulista – UNIP.

Orientadora: Profa. Me(a). Maria Laura
Medeiros Bleinroth
Coorientador: Prof. Me. Washington Freire
Pessoa

Araçatuba/SP

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Aproximações teóricas entre os processos de luto na infância e a aprendizagem infantil: uma revisão narrativa da literatura / Damião Pinheiro de Oliveira... [et al.]. - 2025.

5500 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto de Ciência Humanas da Universidade Paulista, Araçatuba, 2025.

Área de Concentração: Psicologia do desenvolvimento.

Orientadora: Prof.^a Me. Maria Laura Medeiros Bleinroth.

Coorientador: Prof. Me. Washington Freire Pessoa.

1. Luto. 2. Aprendizagem. 3. Infância. 4. Psicologia. I. Oliveira, Damião Pinheiro de. II. Bleinroth, Maria Laura Medeiros (orientadora). III. Pessoa, Washington Freire (coorientador).

Ana Julia Rodrigues Damasceno	RA: G2377H-7
Damião Pinheiro de Oliveira	RA: G1984C-9
Eurico Gimenes de Aragão	RA: G219HJ-2
Isabella Soares Costa	RA: N696HH-0
Maria Rita Silva Souza	RA: G25718-9

APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ENTRE OS PROCESSOS DE LUTO NA INFÂNCIA
E A APRENDIZAGEM INFANTIL: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Psicologia apresentado à Universidade
Paulista – UNIP.

O trabalho foi considerado Aprovado com a nota 9,5 (noventa e cinco).

Araçatuba, 05 de novembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Leticia de M. Vieira

Profa. Esp. Leticia de Mello Vieira
Universidade Paulista - UNIP

Thomas Teixeira

Prof. Me. Thomas Henrique da Silva Teixeira
Universidade Paulista - UNIP

Maria Laura de Medeiros

Profa. Me(a). Maria Laura Medeiros Bleinroth
Orientadora - Universidade Paulista - UNIP

RESUMO

O presente trabalho discutiu a relação entre o processo de luto na infância e seus possíveis impactos sobre a aprendizagem infantil, considerando o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. O objetivo foi investigar aproximações teóricas entre os conceitos de luto, desenvolvimento e aprendizagem, com base em uma revisão narrativa da literatura. A análise foi organizada em três categorias: o luto na infância: conceitos e manifestações; o desenvolvimento infantil e a compreensão da morte e o luto e suas interferências no desenvolvimento e na aprendizagem, articulando aproximações teóricas sobre o luto e desenvolvimento infantil. Foram examinados artigos e produções científicas com diferentes abordagens psicológicas (psicanálise, teoria do apego, cognitivo-comportamental, Piaget, Vygotsky). Verificou-se que o luto infantil se expressa por meio de alterações emocionais e comportamentais, e que o modo como a criança elabora a perda depende de fatores como idade, vínculo com o falecido e mediação dos adultos. A vivência do luto pode comprometer o rendimento escolar, a concentração e a socialização. Concluiu-se que a escola desempenha papel essencial no acolhimento de crianças enlutadas, mas ainda carece de preparo para lidar com o tema. A integração entre psicologia e educação mostrou-se fundamental para a construção de práticas sensíveis, que considerem a complexidade do luto na infância e promovam um ambiente de aprendizagem mais empático.

Palavras-chave: luto; aprendizagem; infância; psicologia

ABSTRACT

The present study discussed the relationship between the grieving process in childhood and its possible impacts on children's learning, considering both emotional and cognitive development. The aim was to investigate theoretical connections among the concepts of grief, development, and learning, based on a narrative literature review. The analysis was organized into three categories: childhood grief: concepts and manifestations; child development and the understanding of death; and grief and its interferences in development and learning, articulating theoretical approaches to grief and child development. Scientific articles and publications from different psychological perspectives (psychoanalysis, attachment theory, cognitive-behavioral therapy, Piaget, Vygotsky) were examined. It was found that childhood grief is expressed through emotional and behavioral changes, and that the way the child processes loss depends on factors such as age, bond with the deceased, and adult mediation. Experiencing grief may compromise school performance, concentration, and socialization. It was concluded that schools play an essential role in supporting grieving children, yet they still lack adequate preparation to deal with the issue. The integration between psychology and education proved to be fundamental for the development of sensitive practices that consider the complexity of childhood grief and foster a more empathetic learning environment.

Keywords: grief; learning; childhood; psychology

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1.	Apresentação	8
1.2.	O tema levantamento bibliográfico	9
1.3.	Objetivo geral	15
1.4.	Objetivos específicos	15
1.5.	Hipóteses.....	16
1.6.	Justificativa	16
2	MÉTODO	19
2.1.	Delineamento.....	19
2.2.	A mostra.....	20
2.3.	Instrumentos e aparatos da pesquisa	20
2.4.	Procedimentos para coleta de dados	21
2.5.	Procedimentos para análise de dados	21
2.6.	Ressalvas éticas	23
3.	RESULTADOS	24
4.	DISCUSSÃO.....	32
4.1.	O luto na infância conceito e manifestações.....	32
4.2.	O desenvolvimento infantil e a compreensão da morte	35
4.3.	O luto e suas interferências no desenvolvimento e na aprendizagem.....	39
4.4.	Perspectivas teóricas sobre o luto e desenvolvimento infantil.....	40
5.	Considerações finais	44
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

O processo de luto é uma experiência complexa que pode afetar indivíduos de todas as idades, sendo muitas vezes associado à perda de entes queridos, mudanças significativas na vida ou até mesmo a perdas simbólicas profundas. Falar sobre a morte, entretanto, constitui um desafio em nossa cultura, uma vez que o tema ainda é permeado por tabus e resistências, despertando ansiedades e inquietações. No entanto, a morte é inerente à vida, faz parte do crescimento humano desde a infância mais precoce (Sengik; Ramos, 2013)

Enquanto a literatura psicológica tem se dedicado a compreender os efeitos do luto em diferentes estágios da vida, como na idade adulta ou na terceira idade, ainda se observa uma lacuna significativa no entendimento do impacto do luto na infância e suas consequências no desenvolvimento socioemocional e cognitivo das crianças.

Uma das experiências mais devastadoras que uma criança pode passar é perder um genitor. Nessa situação, segundo Franco e Mazorra (2007), a criança se depara com sentimentos profundos de desamparo e impotência diante da ausência irreversível de um vínculo provedor de sustentação.

Durante a infância, as crianças passam por um período crucial de desenvolvimento, que abrange aspectos emocionais, cognitivos e sociais. No entanto, quando confrontadas com o luto, esse processo pode ser profundamente impactado, afetando diretamente a aprendizagem e seu desenvolvimento. O significado dado pela criança à morte varia conforme sua idade, vínculo estabelecido com a pessoa falecida, momento de seu desenvolvimento psicológico, bem como a forma como os adultos de seu convívio lidam com a perda (Sengik; Ramos, 2013).

A sociedade contemporânea, de modo geral, tende a considerar que as crianças não compreendem plenamente a morte, tratando tudo o que se relaciona a ela como perigoso ou inadequado. Como efeito dessa crença social, quando se trata de conversar com os pequenos sobre o assunto, eles ficam

amedrontados, desconversam ou se protegem com metáforas (Kovács; Lima, 2011).

A morte de alguma pessoa próxima é uma perda irreversível que pode causar dor intensa e uma série de desafios emocionais para a criança, especialmente porque podem sentir a ausência como uma ameaça ou rompimento com outras figuras (Sengik; Ramos, 2013).

A compreensão do impacto do luto infantil no desenvolvimento exige um olhar que articule diferentes campos teóricos. No campo da psicologia, o luto infantil é um fenômeno complexo, analisado por distintas abordagens teórica. Cada uma oferece contribuições específicas para a compreensão da perda, seja focando nos aspectos intrapsíquicos e afetivos, seja nos processos cognitivos e comportamentais. Por sua vez, a aprendizagem envolve seus próprios processos de desenvolvimento, também analisados por um corpo diverso de teorias.

Assim sendo, esta pesquisa teve como objetivo tecer aproximações teóricas acerca dos impactos do luto infantil no processo de aprendizagem, buscando contribuir com a prática educativa suprimindo informações relevantes em um tema ainda pouco explorado. Compreender as relações entre as experiências de luto na infância, o desempenho acadêmico e as habilidades socioemocionais das crianças para desenvolver estratégias de intervenção mais eficazes e sensíveis às necessidades emocionais desses indivíduos em fase crucial de desenvolvimento.

1.2. Tema/Levantamento bibliográfico

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2023), o DSM-5-TR, define "luto não complicado" como o luto quando este é a reação mais comum à morte de um ente querido. Alguns indivíduos podem apresentar sintomas característicos de um episódio depressivo maior, como sentimentos de tristeza e sintomas associados, como insônia, apetite reduzido e perda de peso, a duração deste estado varia significativamente entre vários grupos culturais.

O termo luto na infância é um tema muitas vezes negligenciado, mas é de extrema relevância devido às suas consequências potenciais. Torres (1978) examinou a relação entre a percepção de morte e o desenvolvimento cognitivo

em uma amostra de 183 crianças de quatro a treze anos, usando a teoria de Piaget e identificando três níveis de compreensão em diferentes períodos de desenvolvimento cognitivo. No primeiro, subperíodo pré-operacional, não distinguem de forma clara entre seres animados e inanimados, não distinguem morte de vida ou a morte como definitiva e irreversível. No segundo, subperíodo de operações concretas, desenvolvem a capacidade de distinção entre seres animados e inanimados, entendem que vida e morte são opostas, definindo a morte por aspectos perceptivos, mas sem generalizações ou explicações biológicas, além de ser uma condição definitiva e permanente. Esse subperíodo é um momento crucial, uma vez que nele surgem as mais importantes estruturas cognitivas. No terceiro, subperíodo operatório formal, estabelecimento claro da distinção entre seres animados e inanimados, estendendo a possibilidade de morte a todos os seres animados partindo de uma noção básica da biologia (Kovács; Lima, 2011).

Aproximadamente na fase escolar, no período apontado por Piaget como o começo das operações concretas, a maioria das crianças parece entender a continuidade e a universalidade da morte, como aponta Helen Bee em seu livro “O Ciclo Vital”.

Resultados de uma infinidade de estudos sugerem que crianças em idade pré-escolar não costumam compreender qualquer desses aspectos sobre a morte. Elas acreditam que a morte pode ser revertida, seja pela oração, mágica ou pensamento expressando desejo, creem que pessoas mortas podem ainda ter sensações ou respirar, acreditam que a morte pode ser evitada por, pelo menos, certas pessoas, como os espertos ou sortudos, ou os membros de sua própria família (Bee; Helen, 1997, p.584).

O luto é um processo universal que acompanha a experiência humana, sendo considerado uma reação natural diante da perda de alguém significativo ou de algo que possuía valor afetivo. Freud (2010), em seu clássico ensaio *Luto e Melancolia*, estabeleceu uma diferenciação fundamental entre o luto saudável e a melancolia, entendendo o primeiro como uma resposta esperada, ainda que dolorosa, que possibilita a gradual desvinculação libidinal do objeto perdido.

Já em perspectivas contemporâneas, autores como Worden (2013) deslocam o entendimento do luto de uma concepção meramente passiva para a noção de um processo ativo, composto por tarefas a serem enfrentadas, como aceitar a realidade da perda, elaborar a dor, adaptar-se a um ambiente sem a

presença do ente perdido e reinvestir em novas relações. Essa evolução conceitual aponta para a complexidade do fenômeno, que envolve dimensões emocionais, cognitivas, sociais e culturais.

Franco (2010) acrescenta que o luto infantil, muitas vezes, é invisibilizado pela ideia de que a criança “não entende” a perda, o que pode acarretar dificuldades na expressão emocional e no reconhecimento social de sua dor. Nesse sentido, compreender o luto na infância é essencial para evitar que as experiências de perda se tornem fatores de risco para o desenvolvimento psicológico.

De acordo com Oliveira e Rodrigues (2021), para a criança, a morte pode ser entendida de várias maneiras, como perda, ruptura, desintegração ou ainda como encanto, arrebatamento, viagem e alívio ou descanso. Dependendo de sua relação com o falecido e de seu desenvolvimento cognitivo, a criança pode traduzir essa sensação em algum desses adjetivos.

Embora o luto seja uma reação universal à perda, sua expressão e elaboração variam de acordo com as condições emocionais, sociais e culturais do sujeito. Freud (2010) já havia distinguido o luto saudável da melancolia, considerando o primeiro como um processo natural e necessário diante da perda. Posteriormente, Worden (2013) reforçou essa perspectiva ao compreender o luto como um processo ativo, composto por tarefas que envolvem aceitar a realidade da perda, elaborar a dor, adaptar-se a um ambiente sem a presença do ente perdido e reinvestir em novas relações. Em complemento, Franco (2010) destaca que, especialmente na infância, o luto tende a ser invisibilizado pela crença de que a criança “não entende” a perda, o que pode dificultar a expressão emocional e o reconhecimento social da dor vivida.

Quando direcionado à infância, o luto adquire contornos singulares, uma vez que a compreensão da morte está intimamente ligada ao nível de maturação cognitiva e emocional da criança. O significado atribuído à morte varia em função da idade, do momento do desenvolvimento psicológico, do vínculo estabelecido com o falecido e da forma como os adultos lidam com a perda (Sengik; Ramos, 2013).

Segundo a perspectiva do desenvolvimento cognitivo de Piaget, a aquisição do conceito de morte exige que a criança internalize elementos como

a irreversibilidade, a não-funcionalidade e a universalidade (Nunes et al, 1998). Essa compreensão se dá gradualmente, acompanhando os estágios de desenvolvimento, desde o período sensório-motor até as operações concretas e formais (Piaget; Inhelder, 2006). A maior mudança conceitual ocorre tipicamente na passagem do pensamento pré-operacional para o operacional concreto, onde a criança começa a consolidar as noções de irreversibilidade, universalidade e não-funcionalidade.

Paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, o luto é uma reação ao rompimento de um vínculo afetivo significativo (Lima et al, 2023; Mazorra, 2009; Bromberg, 2000). A qualidade desse vínculo é crucial, pois a forma como o indivíduo se reorganiza após a perda depende dos recursos psíquicos disponíveis para sua elaboração (Bromberg, 2000). A criança, em seu processo de luto, mobiliza vivências fantasmáticas (Baseggio; Mello, 2013; Franco; Mazorra, 2007), onde o sentimento de desamparo pode ser predominante, refletindo a ameaça à sua sobrevivência emocional e física decorrente da perda.

Kübler-Ross (2017), ao tratar da experiência da morte e do morrer, destacou que a criança enlutada expressa seu sofrimento não apenas verbalmente, mas também por meio de comportamentos como retraimento, agressividade ou alterações no rendimento escolar.

Hohendorff e Melo (2009) também discutiram a elaboração do conceito de morte pelas crianças a partir de uma perspectiva do desenvolvimento cognitivo, utilizando a teoria de Jean Piaget. Os conceitos de irreversibilidade (alguém que morre não pode voltar a viver), não-funcionalidade (como a morte cessam as funções vitais) e universalidade (todos os seres-vivos morrem) são aspectos fundamentais para a obtenção do conceito de morte. Esses são adquiridos durante o estágio operatório concreto na teoria de Piaget, no qual a criança passa a entender a reversibilidade das coisas que a cercam. Conhecendo a reversibilidade, a criança consegue conceber a irreversibilidade.

Kovács (1992) também aborda a forma como a morte é compreendida pelas crianças dividindo por fases. Na primeira fase, até os 5 anos, a criança não tem a percepção da morte como algo definitivo, associando-a ao sono ou a uma separação. Na segunda fase, dos 5 aos 9 anos, a autora notou que existe uma inclinação para dar características humanas à morte. Na terceira fase, entre 9 e

10 anos, a morte é entendida como o fim das atividades que ocorrem dentro do corpo, e mantém sua característica de universalidade.

Sengik e Ramos (2013) falam sobre a o termo morte como implicação de angústias para quem lida, especialmente quando se trata de conversar sobre o tema com a criança, a morte de alguma pessoa próxima é uma perda irreversível que pode causar dor intensa e uma série de desafios emocionais para a criança, especialmente porque podem sentir a ausência como uma ameaça ou rompimento com outras figuras.

De acordo com Kovács (1992) muitos adultos evitam discutir a morte com as crianças, alegando que elas não entendem o assunto. Essa omissão pode fazer com que as crianças se sintam enganadas ou consideradas ingênuas, resultando em uma sensação de profunda solidão. A autora afirma ainda que a perda da mãe, do pai ou de um irmão causa uma profunda tristeza. Discutir essa perda não implica em intensificar a dor; ao contrário, pode proporcionar alívio à criança e auxiliar no processo de luto.

Crianças podem sentir profundamente a perda de um ente querido, ainda que não compreendam plenamente o processo da morte. Essa ausência, muitas vezes percebida de forma dolorosa, desperta sentimentos de abandono e insegurança. Nesse contexto, a linguagem assume papel central, pois ao se falar sobre a morte e seus significados, cria-se espaço para que a criança elabore a experiência, compreenda melhor a perda e reconheça os sentimentos associados ao luto (Sengik; Ramos, 2013).

Como falar sobre a morte às crianças é uma preocupação daqueles que lidam com elas, a maneira de abordar o tema deve estar de acordo com o nível de compreensão delas. O adulto, em geral, não só adota a atitude de negar a explicação sobre a morte, como também tenta, muitas vezes, afastá-la magicamente (Torres, 1979).

Além da compreensão simbólica da morte, é fundamental considerar como o contexto no qual a criança está inserida influencia sua elaboração do luto. A ruptura de vínculos de apego na infância pode gerar sentimentos intensos de insegurança e desamparo, principalmente quando o vínculo perdido era uma figura de referência afetiva, como os pais. Essa perda repercute não apenas no campo emocional, mas também no comportamento da criança, interferindo na

forma como ela se relaciona com o mundo, incluindo seu desempenho em contextos sociais e escolares (Reis; Sartori, 2024).

Estudos apontam que o luto infantil pode interferir significativamente no processo de aprendizagem. A vivência da perda pode acarretar dificuldades de concentração, queda no rendimento escolar, comportamentos agressivos ou retraídos, e até sintomas psicossomáticos. A ausência de estratégias de acolhimento no ambiente educacional tende a agravar esse cenário, evidenciando a necessidade de formação dos profissionais da educação para lidar com o luto de forma sensível e integradora (Oliveira; Rodrigues, 2021).

A aproximação entre luto e aprendizagem infantil constitui um campo relevante de investigação, visto que o ambiente escolar é um espaço de mediação da realidade (Giaretton et al, 2020) e um dos principais centros de intercâmbio social para o desenvolvimento da criança (Flores, 2021). O tema do luto na infância e sua relação com o processo de aprendizagem é de grande importância, uma vez que o corpo docente muitas vezes se defronta com essa situação (Oliveira; Rodrigues, 2021). A escola, como instituição responsável pela transmissão do conhecimento, deve estar atenta também às necessidades sociais e emocionais de seus alunos, tal como a vivência do luto (Giaretton et al, 2020).

Nesse contexto, as consequências da perda se manifestam de forma evidente no funcionamento cotidiano da criança (Giaretton et al, 2020; Oliveira; Rodrigues, 2021; Bromberg, 2000). As reações de luto estão estreitamente relacionadas à aprendizagem, e o domínio do conhecimento esperado na criança em idade escolar ficará temporariamente fora de foco, o que pode causar prejuízo ao seu processo de aprendizagem (Flores, 2021).

Crianças enlutadas podem apresentar uma série de manifestações emocionais e comportamentais, como a intensa angústia e a ansiedade, as quais podem ser reflexos de um estado emocional sobrecarregado. Sintomas como dificuldade de concentração e déficit de atenção são frequentemente manifestados. A falta de motivação e os estados humorais podem impedir a criança de atuar em uma atividade de domínio do conhecimento. Além disso, pode ocorrer resistência às atividades de aprendizagem e dificuldades interpessoais, como o distanciamento dos colegas, ou a manifestação de

comportamento agressivo (Flores, 2021; Oliveira; Rodrigues, 2021; Bromberg, 2000). A falta de informação ou o silêncio em torno da morte pode acarretar problemas de aprendizagem (Fronza et al, 2015), bem como o agravamento de problemas emocionais. A escola, portanto, deve estar atenta e disposta a acolher os alunos enlutados (Oliveira; Rodrigues, 2021).

Tais manifestações revelam a interdependência entre aspectos emocionais e cognitivos no processo educativo, indicando que o luto não deve ser compreendido apenas como um fenômeno intrapsíquico, mas também como um acontecimento que repercute nas práticas pedagógicas e nas interações sociais. Assim, realizar aproximações teóricas entre o luto e a aprendizagem na infância permite evidenciar a necessidade de estratégias de acolhimento e de suporte, tanto no âmbito familiar quanto escolar, de modo a promover não apenas a elaboração saudável da perda, mas também a continuidade do processo educativo e de desenvolvimento integral da criança.

1.3. Objetivo geral

Analisar as aproximações teóricas entre o processo de luto na infância, seu conceito e manifestações, o desenvolvimento infantil e a compreensão da morte, abordando como o luto interfere no desenvolvimento e na aprendizagem, traçando perspectivas teóricas sobre o luto e desenvolvimento infantil no contexto acadêmico.

1.4. Objetivos específicos

Compreender os principais conceitos e discussões presentes na literatura sobre luto e aprendizagem na infância;

Estabelecer relações teóricas e práticas entre os conceitos de luto e aprendizagem infantil;

Refletir sobre como essas contribuições podem orientar práticas de acolhimento a crianças enlutadas em contextos educativos.

1.5. Hipóteses

A infância constitui-se como um período sensível e fundamental para a formação de vínculos afetivos e para o desenvolvimento das competências emocionais e cognitivas. A vivência de uma perda significativa nesse estágio pode provocar reações emocionais intensas, que impactaram diretamente a forma como a criança compreende o mundo ao seu redor, expressa sentimentos e se relaciona com o ambiente escolar. Fatores como a expressão emocional, o suporte oferecido pela família e a mediação realizada no espaço educativo revelaram-se determinantes no processo de elaboração do luto infantil, influenciando sua capacidade de atenção, aprendizagem e construção de vínculos interpessoais. Diante disso, evidencia-se a necessidade de integrar os aspectos emocionais e pedagógicos na compreensão do luto na infância, de modo a favorecer intervenções que considerem o sofrimento psíquico da criança e promovam práticas de acolhimento eficazes nos contextos educativos.

1.6. Justificativa

Este trabalho teve como objetivo expandir o entendimento sobre a relação entre vivências de luto na infância e processos de aprendizado, enfatizando a relevância de estratégias integradas e atentas às necessidades emocionais das crianças em momentos de perda (Giaretton et al., 2020). Apesar da abundância de estudos sobre o luto infantil e outros tantos sobre alfabetização, ainda eram raras as pesquisas que exploraram detalhadamente como a experiência do luto poderia afetar diretamente o processo de alfabetização de crianças pequenas. Essa lacuna destacou a necessidade de estudos interdisciplinares que unissem elementos emocionais e pedagógicos, reconhecendo a complexidade das experiências escolares em situações adversas (Oliveira; Rodrigues, 2021).

A compreensão da morte na infância mostrou-se profundamente condicionada pelo nível de desenvolvimento cognitivo, sendo que noções como irreversibilidade, universalidade e não-funcionalidade se consolidaram de forma gradual, acompanhando as etapas descritas por Piaget (Torres, 2002). Nesse sentido, o impacto do luto infantil não se restringiu apenas à dimensão emocional, mas esteve intimamente relacionado às condições cognitivas que

sustentam o aprendizado. Além disso, a vivência do luto foi marcada por fatores contextuais e culturais, sendo experienciada de modo singular por cada criança. Sua duração, intensidade e efeitos dependeram da idade, da cultura, das experiências familiares e do ambiente de apoio disponível (Flores, 2021).

Outro aspecto relevante dizia respeito ao papel dos adultos e instituições educativas. Kovács e Lima (2011) evidenciaram que, ao evitar conversar com a criança sobre a morte, a sociedade acabava reforçando sentimentos de medo e desamparo.

A negação social da morte se reflete nas instituições educacionais, onde os profissionais encontram dificuldades para se debruçar sobre o tema, visto que o assunto é considerado um tabu na sociedade (Fronza et al, 2015; Giaretton et al, 2020; Oliveira; Rodrigues, 2021). Comumente, os educadores e a equipe pedagógica têm dificuldade em perceber e acolher o luto que a criança está vivendo, muitas vezes por falta de conhecimento e receio (Flores, 2021). A carência de formação dos profissionais para abordar o luto infantil é frequente, embora essa temática seja recorrente no ambiente escolar (Oliveira; Rodrigues, 2021).

Diante dessa realidade, torna-se essencial que a escola esteja preparada para lidar com as diferentes emoções que perpassam o universo do aluno, devendo estar atenta às necessidades sociais e emocionais de seus estudantes, tal como a vivência do luto (Giaretton et al, 2020). Sugere-se que as escolas adotem estratégias sólidas para abordar o assunto (Baseggio; Mello, 2013) e promovam a instrumentalização e apoio do professor na busca de conhecimentos voltados a uma educação para a morte (Fronza et al, 2015).

O acolhimento do aluno em sua dor, emoções e sentimentos é crucial (Flores, 2021). A escola cumpre o papel de promover uma escuta ativa às angústias dos alunos, o que pode romper com o silêncio e a ausência de reflexões associadas às perdas, colaborando na elaboração da perda de modo construtivo (Giaretton et al, 2020). Alguns estudos defendem a importância de ter um psicólogo(a) na escola para o auxílio no acolhimento de professores e alunos em situações de luto (Flores, 2021). Profissionais da educação e pais devem ter preparo para apoiar as crianças, oferecendo apoio psicológico, se

necessário, para que elas possam lidar com a experiência dolorosa de modo saudável (Oliveira; Rodrigues, 2021).

Considerando esses elementos, a realização desta pesquisa justificou-se pela possibilidade de oferecer subsídios para práticas pedagógicas e psicológicas mais eficazes, capazes de articular o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança em situações de perda. Ao analisar a temática sob diferentes perspectivas, pretendeu-se contribuir para a superação de uma lacuna ainda existente na literatura, aproximando dimensões emocionais, pedagógicas e sociais que se mostraram essenciais para promover o bem-estar e o êxito escolar de crianças em situações de adversidade emocional (Eidt; Duarte, 2007).

2. MÉTODO

2.1. Delineamento

Esta pesquisa é de natureza exploratória, e foi desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura. O estudo foi desenvolvido a partir de pesquisas anteriores, por meio da análise de artigos e livros que abordam temas semelhantes e/ou pertinentes ao objetivo do trabalho. Dessa forma, foram utilizados dados secundários, produzidos por outros pesquisadores e registrados em suas publicações (Severino, 2013).

De caráter qualitativo, o estudo realiza uma revisão bibliográfica com o objetivo de compreender os impactos do luto na infância e suas repercussões no desenvolvimento socioemocional e na aprendizagem. A escolha pela abordagem qualitativa se justifica pois, segundo Guerra et al. (2024), ela permite explorar a complexidade e a profundidade dos contextos sociais, culturais e individuais, oferecendo uma compreensão mais rica dos fenômenos estudados. Nesse sentido, a revisão bibliográfica funciona como um instrumento da pesquisa qualitativa, fornecendo o embasamento teórico e conceitual necessário para analisar os dados e interpretar os resultados.

Em relação ao procedimento de pesquisa, Vosgerau e Romanowski (2014) definem a revisão bibliográfica pode ser entendida em duas funções principais: Elaborar uma contextualização do problema, examinando as opções disponíveis na literatura consultada para desenvolver o referencial teórico da pesquisa e definir a revisão narrativa como um meio de conectar-se com trabalhos anteriores, reconhecendo temas recorrentes e indicando novas perspectivas.

Enquanto a pesquisa qualitativa proporciona uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos estudados, a pesquisa bibliográfica fornece embasamento teórico e conceitual para a análise dos dados coletados. Assim, a integração dessas abordagens permite uma análise mais abrangente e consistente do tema de pesquisa (Guerra et al. 2024, p.11).

Portanto, a revisão bibliográfica narrativa mostra-se ideal para investigar o fenômeno do luto e aprendizagem na infância. Essa adequação ocorre porque a natureza "abrangente" e a "análise interpretativa" que Gil (2002) atribui a este método são as ferramentas que permitem explorar a literatura sobre o tema de

forma ampla, identificando as principais aproximações teóricas, debates e conclusões na literatura.

2.2. Amostra.

Para a realização desta pesquisa teórica, foram consultados dados secundários por meio de um levantamento bibliográfico. A busca incluiu materiais como livros, capítulos de livros, publicações periódicas e artigos científicos. Os critérios de inclusão definidos foram: produções que contribuíssem teoricamente para a discussão do luto e da aprendizagem infantil, bem como materiais com foco no desenvolvimento da criança, sem restrição de abordagem teórica. Em contrapartida, foram excluídos da análise estudos que abordavam exclusivamente adolescentes ou adultos, temas que não se alinhavam à proposta central da pesquisa, artigos sem metodologia definida e pesquisas realizadas fora do contexto brasileiro.

Para realizar as buscas foram utilizadas as bases de dados: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Google Acadêmico, utilizando como palavras-chave “luto”, “aprendizagem”, “infância”, “impacto”, “morte”, “desenvolvimento”. Foi ainda realizada a exploração das referências contidas na bibliografia coletada, que por sua vez, foram pesquisadas no Google, levando a sites de instituições de ensino superior variadas ou aos já citados Scielo e Periódicos CAPES.

2.3. Instrumentos e Aparatos da Pesquisa

Foram utilizados como instrumentos de pesquisa: livros, artigos científicos e revistas especializadas como material de pesquisa e referencial bibliográfico, além do Microsoft Word para redigir os textos e Excel para organização e análise dos dados. Os aparatos tecnológicos empregados incluíram computadores e celulares utilizados para busca e acesso às fontes disponíveis na internet, em portais e sites confiáveis e especializados em divulgação científica.

2.4. Procedimentos para coleta de dados

A presente pesquisa, de caráter teórico e exploratório, utilizou como procedimento metodológico a revisão bibliográfica narrativa, por sua flexibilidade e abrangência, permitindo reunir reflexões e contribuições de diferentes autores sobre o impacto do luto no processo de aprendizagem infantil. Por se tratar de uma temática ainda pouco explorada de forma integrada, optou-se por não delimitar um recorte temporal fixo, o que possibilitou a inclusão tanto de textos clássicos quanto de produções mais recentes, desde que relevantes para o aprofundamento das discussões propostas.

As buscas foram realizadas em diferentes fontes de pesquisa acadêmica, a partir de palavras-chave previamente definidas, relacionadas aos eixos centrais do estudo. Além da busca direta em bases de dados, também foram analisadas as referências bibliográficas dos textos selecionados, o que contribuiu para o encaminhamento a outras produções relevantes.

O processo de levantamento bibliográfico seguiu três etapas principais: 1. realização das buscas para identificação de estudos relacionados ao tema; 2. aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, definidos com base na pertinência teórica e na aderência ao foco da pesquisa; e 3. seleção final dos materiais que compuseram o referencial analítico do trabalho.

Na primeira etapa, a busca inicial foi realizada com as palavras-chave "luto", "aprendizagem", "infância" e "psicologia", definidas previamente. A partir da leitura dos resumos e considerações finais dos artigos, foi iniciada a segunda etapa, aplicando os critérios de inclusão e exclusão. Como consequência da quantidade reduzida de materiais encontrados para a análise, foi realizada a técnica de busca por referências, na qual foram selecionados novos materiais com base nos referenciais teóricos e bibliografias dos textos já selecionados. A última etapa consistiu na leitura integral dos materiais.

2.5. Procedimentos para análise de dados

A análise dos dados foi realizada a partir da metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), cuja aplicação permitiu sistematizar e interpretar de forma rigorosa as informações extraídas da revisão narrativa da

literatura. Bardin delineou o procedimento em três grandes polos cronológicos; pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e definiu procedimentos e finalidades específicas para cada etapa, o que foi seguido e operacionalizado neste trabalho.

Na pré-análise foi feita a organização e seleção de textos. Nessa etapa foram realizadas leituras dos artigos, com o intuito de familiarizar-se com os textos e identificar primeiras impressões; em seguida, definiu-se o recorte final dos documentos a partir dos critérios de inclusão e exclusão já estabelecidos no método (bibliográfico, língua, contexto brasileiro). O propósito dessa fase foi tornar operacional o plano de análise, garantindo coerência entre os objetivos da pesquisa e os materiais selecionados.

Na fase de exploração do material aplicaram-se procedimentos de codificação temática, registrando trechos significativos, então organizando um sistema de categorias e subcategorias teóricas previamente definidas a partir do problema de pesquisa. As categorias principais foram definidas a priori por luto na infância e aprendizagem infantil, aproximações entre luto e aprendizagem. Foram refinadas no decorrer da exploração, conforme sugerido por Bardin (2011) para permitir flexibilidade analítica. As atividades desta etapa incluíram leitura seletiva e analítica, marcação e extração de excertos, registro em planilha eletrônica e organização dos trechos por categoria, de modo a permitir comparações internas e mapeamento de recorrências.

No tratamento dos resultados, foi feita a interpretação, síntese dos conteúdos agrupados, busca por padrões, lacunas e articulação entre os trechos extraídos. O objetivo dessa etapa foi transformar dados codificados em conclusões interpretativas. Para conferir maior robustez interpretativa, foi feita a comparação entre diferentes fontes e abordagens cabendo aos pesquisadores as escolhas de recorte e codificação, em consonância com as recomendações de Guerra et al. (2024) quanto à coerência teórico-metodológica e à reflexividade na condução de pesquisas qualitativas.

A opção por uma revisão narrativa de natureza exploratória foi justificada e fundamentada na literatura metodológica, que reconheceu a compatibilidade entre desenho exploratório, pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo quando o objetivo é mapear e interpretar um campo ainda pouco delimitado. Gil (2002)

afirmou que pesquisas exploratórias costumam combinar levantamento bibliográfico e leitura interpretativa para constituir hipóteses e ampliar o entendimento do problema, procedimento que orientou as etapas de leitura exploratória, seletiva e analítica empregadas neste estudo. Minayo et al. (2003) também foi utilizada para sustentar critérios de validade e rigor na análise qualitativa, enfatizando a necessidade de transparência metodológica, cuidado na construção de categorias e atenção à reflexividade do pesquisador.

Em termos operacionais, a análise foi realizada de modo iterativo: as categorias foram ajustadas conforme novas leituras, os indicadores foram refinados e as inferências foram confrontadas com os textos já utilizados até que se atingisse uma saturação interpretativa satisfatória para os objetivos do trabalho. Por fim, foram explicitadas as limitações do procedimento e a natureza interpretativa das conclusões, enfatizando-se que os achados resultaram de aproximações conceituais construídas a partir da leitura crítica e da articulação teórica dos textos analisados.

2.6. Ressalvas éticas

A pesquisa foi baseada em dados secundários, obtidos de estudos já publicados, devidamente referenciados no corpo textual, conforme a Lei Lei 9.610/98, que dispõe sobre os direitos autorais. Além disso, todo o material consultado foi utilizado com respeito à integridade intelectual dos autores originais.

As coletas das informações foram feitas de forma ética, preservando o trabalho dos autores, com a finalidade de promover novos conhecimentos e o desenvolvimento de conceitos e estratégias aplicáveis na prática do desenvolvimento psicológico e educacional infantil.

3. RESULTADOS

O tema específico que relaciona diretamente o luto infantil com os processos de desenvolvimento e aprendizagem ainda é pouco explorado de forma integrada na literatura científica. Observa-se que grande parte das produções acadêmicas se concentra na abordagem do luto no contexto escolar ou familiar, focalizando principalmente como professores, cuidadores e familiares lidam com a perda de um ente querido e como podem apoiar a criança nesse processo. Contudo, são escassos os estudos que analisam de maneira aprofundada os efeitos do luto sobre processo de aprendizagem.

Foram encontrados diversos artigos sobre temas próximos, mas não específicos, em diferentes abordagens teóricas, o que reforça a complexidade do fenômeno do luto infantil e sua relação com o desenvolvimento. A literatura analisada contempla desde estudos de base construtivista, como os de Torres (2002), que investigam a aquisição do conceito de morte a partir dos estágios do desenvolvimento cognitivo segundo Piaget, até produções fundamentadas na psicanálise, como as de Kovács (1992) e Mazorra (2009), que enfocam os aspectos simbólicos, emocionais e inconscientes do luto.

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) se apresenta como um modelo com importante contribuição no que se refere ao manejo do luto e perdas repentinas. A TCC se mostra válida e importante no tratamento de situações traumáticas, concentrando-se em intervir na prática clínica com pacientes enlutados. Esta terapia é frequentemente caracterizada por ser breve, estruturada e focal, sendo considerada a escolha inicial em vários algoritmos de tratamento. A TCC visa a identificação de recursos disponíveis e a resolução de conflitos existentes à separação, facilitando a superação das etapas do luto para que o paciente consiga elaborar a perda (Basso; Wainer, 2011; Zwielewski; Sant'ana, 2016).

A abordagem utiliza inúmeros instrumentos, como a Restruturação Cognitiva, que busca identificar pensamentos irracionais e catastróficos para substituí-los por afirmações mais racionais. O objetivo central é auxiliar os pacientes enlutados na busca de alívio e melhor aceitação da perda, facilitando a readaptação funcional do indivíduo. Embora se observe a existência de uma

quantidade limitada de protocolos terapêuticos com eficácia comprovada neste campo, o enfoque cognitivo-comportamental é pertinente para o manejo do luto em crianças e adolescentes (Basso; Wainer, 2011; Zwielewski; Sant'ana, 2016).

Um dos principais expoentes na pesquisa de questões sobre o luto infantil foi Wilma da Costa Torres (1978, 1979, 1980, 1996, 2002) que desenvolveu um conjunto robusto de pesquisas sobre a aquisição do conceito de morte na infância, focalizando a relação entre desenvolvimento cognitivo e diferentes condições sócio-experienciais.

Torres (1978, 1979, 1980, 1996, 2002) organizou os resultados de suas pesquisas em categorias descritivas que refletem os principais eixos temáticos identificados na literatura revisada. Essa categorização permitiu uma análise mais sistemática dos estudos selecionados, destacando elementos relevantes para a compreensão do luto na infância e sua articulação com o desenvolvimento.

A primeira categoria, definição e manifestação do luto na infância, contempla a caracterização do luto enquanto processo psicológico de enfrentamento diante de perdas significativas, bem como as formas como as crianças expressam e elaboram essa experiência. São descritas as diferentes concepções teóricas sobre o fenômeno, abordando suas dimensões emocionais, cognitivas e culturais, distinguindo-o de estados clínicos como a melancolia. Discute-se ainda a singularidade do luto infantil em relação ao adulto, destacando elementos como o brincar, o silêncio dos adultos e a comunicação afetiva.

A segunda categoria, aborda o processo de desenvolvimento, e reúne as contribuições da psicologia do desenvolvimento, especialmente à luz da teoria piagetiana, para compreender como as crianças constroem cognitivamente os conceitos relacionados à morte. Analisa-se a evolução da compreensão da irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade da morte ao longo das fases do desenvolvimento infantil.

A terceira categoria, fatores que interferem no processo de desenvolvimento, identifica variáveis que influenciam a compreensão da morte e a elaboração do luto, tais como a condição socioeconômica, o enfrentamento de doenças crônicas, a mediação familiar e as experiências prévias com perdas.

Essas variáveis podem atuar como facilitadoras ou inibidoras da elaboração psíquica.

Por fim, a quarta categoria, Paralelos teóricos entre luto infantil e desenvolvimento, tece conexões entre os modelos de desenvolvimento cognitivo e as manifestações do luto na infância, evidenciando como o amadurecimento emocional e intelectual pode contribuir para a resignificação da perda. Também são analisadas as possibilidades de intervenção, considerando o contexto escolar, clínico e familiar.

Embora as abordagens apresentem divergências em relação à origem e ao manejo do sofrimento, há convergências quanto à importância do suporte emocional, da escuta sensível e da mediação adequada por adultos no processo de elaboração do luto. Enquanto a perspectiva cognitivista prioriza a maturação das estruturas mentais para compreender a morte como um fenômeno biológico e universal, a psicanálise enfatiza a simbolização da perda e os riscos da repressão emocional quando a criança não é adequadamente auxiliada. Já a abordagem cognitivo-comportamental focaliza a identificação de pensamentos disfuncionais e o favorecimento da expressão emocional em contextos controlados. Essa variedade de olhares permitiu uma análise mais rica e plural sobre como o luto infantil pode ser compreendido, acolhido e elaborado.

A seguir, apresenta-se o Quadro 1, que organiza os títulos utilizados nesta aproximação teórica dispondo em quatro colunas os títulos/temas do material escolhido, os autores correspondentes, qual o objetivo principal e os principais achados de cada obra. Esses materiais foram usados como base para esta pesquisa em um primeiro momento, por conterem palavras-chave como luto, infância e desenvolvimento e posteriormente, buscou-se os autores referenciados nestes primeiros, os autores listados foram selecionados por apresentarem contribuições relevantes sobre o luto na infância, conforme identificado no levantamento bibliográfico.

Para a nomenclatura das colunas, optou-se por “Título” e “Autores” a fim de organizar as obras, sequenciando em ordem alfabética a partir do último nome do principal autor, conforme é feito no referenciamento bibliográfico. A terceira e quarta coluna referem-se respectivamente ao “Objetivo” e “Principais

achados” descrevem brevemente os principais objetivos de cada obra e as descobertas mais relevantes que cada obra apresenta.

Quadro 1 – Lista de artigos e temas

Título	Autores	Objetivo	Principais achados
Morte de aluno: luto na escola	ALVES, Elaine Gomes dos Reis; KOVÁCS, Maria Júlia	Estudar como a escola reage e lida com a morte de um aluno, com foco no suporte à comunidade escolar.	A morte de um aluno provoca impacto coletivo no ambiente escolar.
Infância e morte: um estudo acerca da percepção das crianças sobre o fim da vida	BASEGGIO, Denice Bortolin; MELLO, Amanda Reginato de	Analisar a percepção infantil sobre a morte e como isso influencia suas respostas emocionais e comportamentais.	As concepções infantis sobre a morte variam conforme a idade e maturidade.
Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental	BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo	Investigar como a Terapia Cognitivo-Comportamental pode auxiliar no manejo do luto decorrente de perdas inesperadas.	A TCC pode ser eficaz em perdas repentinas, facilitando a adaptação.
A dinâmica familiar no processo de luto	DELALIBERA, Mayra et al.	Analisar o papel das relações familiares na mediação e elaboração do luto infantil.	O suporte familiar é essencial no processo de luto infantil.
Manejo do luto em crianças e adolescentes	FRADE, Liliana Peña; BARRAGÁN, Clemencia Montaña de	Descrever intervenções clínicas no manejo do luto em crianças e adolescentes, com base em diferentes abordagens.	O manejo adequado ajuda na ressignificação da perda em crianças e adolescentes.
Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor	FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana	Investigar o funcionamento do luto infantil, suas manifestações emocionais, vínculos e estratégias de elaboração simbólica.	O luto na infância se manifesta de forma distinta e requer estratégias próprias.
O tema da morte nas escolas: possibilidades de reflexão	FRONZA, Leila Portella et al.	Investigar como a morte é abordada no currículo escolar e suas implicações pedagógicas.	Escolas raramente incluem a morte como tema de reflexão.
A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio	GIARETTON, Daynah Waihrich Leal et al.	Refletir sobre a posição da escola diante da morte na infância, discutindo a importância do preparo docente para lidar com o tema.	A escola geralmente se mostra despreparada para lidar com o luto infantil.
Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à	HOHENDORFF, Jean Von; MELO, Wilson Vieira	Revisar teoricamente a compreensão da morte ao longo do desenvolvimento humano e contribuir para a prática de	A compreensão da morte varia ao longo do desenvolvimento: desconhecimento na infância, negação na adolescência,

Psicologia Hospitalar		psicólogos hospitalares diante da finitude humana	aceitação gradual na vida adulta e naturalização na velhice, influenciada por fatores culturais e experiências pessoais
Significando a morte através de redes sociais em um contexto de vulnerabilidade social	JUCÁ, Vlândia Jamile dos Santos et al.	Analisar como crianças e adolescentes significam a morte e o luto em contextos de vulnerabilidade por meio das redes sociais.	Redes sociais funcionam como espaço simbólico de elaboração da perda.
Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança	KOVÁCS, Maria Julia; LIMA, Vanessa Rodrigues de	Explorar como famílias comunicam a morte às crianças e os impactos dessa comunicação no processo de luto infantil.	A comunicação familiar influencia diretamente o modo como a criança elabora o luto.
Morte e Desenvolvimento Humano	KOVÁCS, Maria Júlia	Apresentar a morte, o medo dela, os profissionais da saúde diante dela, o processo do luto, as perdas e separações.	O entendimento da morte varia conforme idade, desenvolvimento cognitivo, experiências socioculturais e comunicação familiar.
Sobre a morte e o morrer	KÜBLER-ROSS, Elisabeth	Apresentar uma compreensão mais humana da morte a partir da experiência com pacientes em fase terminal, descrevendo os estágios psicológicos diante da finitude.	Identificação dos cinco estágios emocionais diante da morte (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação), ressaltando a importância do acolhimento, da escuta e da integração da criança e da família nos processos de perda.
A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto	MAZORRA, Luciana	Investigar como enlutados constroem significados atribuídos à morte de um ente querido e compreender os impactos subjetivos desse processo.	O estudo evidenciou que a elaboração do luto envolve resignificação da perda, autoconhecimento, transformação identitária e reorganização da vida cotidiana
As crianças e o conceito de morte	NUNES, Deise Cardoso et al.	Estudar a aquisição do conceito de morte em crianças e os fatores cognitivos e contextuais que influenciam esse processo.	As crianças adquirem gradualmente noções de irreversibilidade e universalidade da morte.
Luto infantil: Como a escola lida com essa situação?	OLIVEIRA, Suelen Dayanne Limberger de; RODRIGUES, Fábio da Silva	Investigar práticas escolares diante do luto infantil e identificar lacunas na formação docente sobre o tema.	Professores relatam dificuldades em lidar com crianças enlutadas.

Luto infantil: o papel vital da psicologia e da família no enfrentamento	REIS, Simone dos; SARTORI, Cássia Maria Tasca	Discutir o papel da família e do psicólogo na mediação e apoio ao luto infantil.	O apoio da família e da psicologia é decisivo no enfrentamento do luto infantil.
Concepção de morte na infância.	SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto	Investigar como crianças de diferentes idades concebem a morte, observando suas dimensões em diálogo com o desenvolvimento cognitivo	A compreensão infantil da morte se desenvolve progressivamente, acompanhando os estágios cognitivos.
O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas	TORRES, Wilma da Costa	Comparar a aquisição do conceito de morte entre crianças com doenças crônicas e crianças saudáveis de diferentes contextos sociais.	As crianças com doenças crônicas demonstraram maior ambivalência e defasagem cognitiva no nível pré-operacional, mas na fase operacional concreta se aproximaram das concepções de crianças saudáveis.
O conceito de morte em diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo	TORRES, Wilma da Costa	Estudar a aquisição do conceito de morte em diferentes níveis cognitivos.	Os resultados evidenciaram que a compreensão da morte (universalidade, irreversibilidade, não-funcionalidade) está diretamente associada ao estágio cognitivo, mas depende também de experiências e informações recebidas.
O conceito de morte na criança	TORRES, Wilma da Costa	Desenvolver um instrumento para avaliar o conceito de morte infantil.	Mostrou que as concepções infantis sobre a morte evoluem progressivamente com a idade e o desenvolvimento cognitivo, sendo moduladas por variáveis contextuais.
O desenvolvimento cognitivo e a aquisição do conceito de morte	TORRES, Wilma da Costa	Relacionar o desenvolvimento cognitivo com a evolução do conceito de morte.	Apontou que não basta considerar apenas os estágios piagetianos, mas também fatores externos como contexto socioeconômico, doença crônica e experiências pessoais.
O tema da morte na psicologia infantil	TORRES, Wilma da Costa	Discutir o lugar do tema da morte na abordagem clínica com crianças.	Reforçou a necessidade de incluir o tema da morte nas práticas clínicas e educativas, dado seu

			impacto emocional e cognitivo no desenvolvimento infantil.
Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção	YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza	Discutir a importância de comunicar claramente a morte às crianças e os efeitos do silenciamento dos adultos sobre o luto infantil.	A comunicação clara e honesta auxilia na elaboração do luto infantil.
Detalhes de protocolo de luto e a terapia cognitivo-comportamental	ZWIELEWSKI, Grazielle; SANT'ANA, Vânia	Apresentar o protocolo clínico de intervenção em luto infantil com base na Terapia Cognitivo-Comportamental.	A TCC oferece ferramentas específicas para lidar com o luto.

Fonte: Elaboração dos autores com base na revisão bibliográfica, 2025.

O Quadro 2 foi construído com a finalidade de mapear as principais abordagens teóricas da psicologia (Abordagem), seus respectivos autores (Principais autores), como cada abordagem interpreta o conceito de luto (Interpretação) e para complementar o Quadro 1. Optou-se por construir um novo quadro por uma questão de logística, entendendo que o conteúdo ficaria repetitivo e ocuparia muito espaço, comprometendo a leitura das informações. As abordagens foram organizadas conforme sua preponderância na bibliografia selecionada, a fim de classificar as abordagens mais utilizadas para estudar o tema.

Quadro 2 – Lista de abordagens

Abordagem	Principais autores	Interpretação
Cognitivista / Construtivista	Torres, Piaget, Hohendorff, Biaggio	Entende o luto como uma experiência mediada pela forma como o sujeito processa cognitivamente a perda, construindo significados e interpretações a partir de seus esquemas mentais e do contexto social em que está inserido.
Psicanalítica	Freud, Klein, Kovács, Mazorra e Tinoco	Compreende o luto como um processo de desligamento da libido do objeto perdido, permitindo a elaboração simbólica da ausência; quando esse processo falha, pode ocorrer a melancolia.
Psicologia do Desenvolvimento	Gomes, Aberastury, Biaggio, Sengik e Ramos	Relaciona o luto às etapas do desenvolvimento cognitivo e emocional, ressaltando que a compreensão da morte varia conforme a idade, maturidade e experiências da criança.

Cognitivo-Comportamental (TCC)	Costa, Barros	Considera o luto a partir dos pensamentos automáticos e crenças centrais relacionados à perda, buscando identificar distorções cognitivas que possam gerar sofrimento prolongado e propor estratégias de enfrentamento adaptativas.
Sistêmica / Familiar	Mazorra, Souza e Lima, Kovács	Interpreta o luto como um processo que envolve não apenas o indivíduo, mas o sistema familiar, em que a perda altera funções, papéis e dinâmicas relacionais.
Educacional / Pedagógica	Silva, Nogueira, Fernandes	Aborda o luto a partir dos impactos no processo de aprendizagem, enfatizando o papel da escola como espaço de acolhimento e mediação do desenvolvimento socioemocional diante da perda.
Fenomenológica-existencial	Kübler-Ross	Entende o luto como uma experiência singular de finitude e sentido, em que a perda confronta o sujeito com a própria condição existencial, exigindo ressignificação da vida diante da ausência.

Fonte: Elaboração dos autores com base na revisão bibliográfica, 2025.

4. DISCUSSÃO

4.1. O luto na infância: conceito e manifestações

Conforme mencionado por Edler e Freud (2008) , o luto é definido como o sentimento que surge quando perdemos alguém querido ou algo de grande valor. Assim, somos conduzidos ao estudo da melancolia. Freud compara essa condição clínica a um sentimento universal, afirmando que todos nós já vivenciamos momentos de luto em nossas vidas. De acordo com os autores, durante o luto, o mundo se torna pobre e vazio; já na melancolia, o indivíduo passa por esse processo de empobrecimento, vazio e aridez.

Freud (2010) observa que o luto é uma reação natural à perda de um ente querido ou de uma abstração com valor simbólico, como liberdade ou ideais. Apesar de provocar afastamento da postura habitual diante da vida, o luto não é considerado uma condição patológica, mas um processo psíquico necessário à reorganização emocional.

A compreensão do luto na infância exige uma análise que considere tanto o desenvolvimento infantil quanto as manifestações subjetivas diante da perda. O luto é uma experiência emocional complexa e multifacetada, cuja definição abrange aspectos individuais e culturais. Embora a morte seja reconhecida como inevitável, muitas vezes ela é vivida como inesperada, gerando negação emocional. A expressão dos sentimentos, portanto, constitui elemento central para a elaboração do luto. Pode-se apontar que a vivência do luto pelas crianças depende de múltiplos fatores, como idade, desenvolvimento cognitivo, experiências familiares, cultura e ambiente, sendo sua duração e intensidade variáveis (Reis; Sartori, 2024).

Apesar das divergências na abordagem do conceito de morte por diferentes pesquisadores, alguns autores destacam a relevância de estudá-lo não como uma entidade única, mas como uma construção complexa e multidimensional, que engloba subconceitos. A universalidade, a não-funcionalidade e a irreversibilidade são os três elementos mais amplamente estudados (Torres, 2002).

A perda de um ente querido pode influenciar a dinâmica familiar, visto que todo o sistema familiar é alterado e os seus membros são obrigados a se

reorganizar (Delalibera et al, 2015). Essa perda representa um potencial fator de estresse para a criança, comprometendo sua segurança e estabilidade emocional. Além disso, o fato de ela estar inserida em um grupo familiar que, devido ao impacto do evento, pode também estar fragilizado, faz do luto infantil um assunto complexo que precisa ser investigado com profundidade. Compreender o tema é essencial para reconhecer as consequências da perda e para orientar os familiares na busca por apoio psicológico e recursos de suporte às crianças afetadas (Franco; Mazorra, 2007).

Mazorra (2009), em sua tese de doutorado, descreve o luto como um processo normal e esperado de elaboração psíquica e enfrentamento da vivência de perdas significativas. Trata-se de um processo que implica a ressignificação da relação com o que foi perdido, especialmente quando se refere a um ente querido, cujo vínculo internalizado permanece como referência simbólica durante o trabalho de luto.

As manifestações do luto na infância variam amplamente conforme a idade, o estágio de desenvolvimento cognitivo e o contexto emocional da criança. O sofrimento pode ser expresso por meio de comportamentos como agressividade, regressão, isolamento, distúrbios alimentares ou somatizações. Ressalta-se ainda que o acolhimento à criança enlutada deve respeitar seu momento de desenvolvimento e suas expressões emocionais. Nesse processo, o brincar ganha relevância como linguagem simbólica e ferramenta terapêutica, a ludoterapia permite à criança representar seu mundo interno, elaborando simbolicamente os sentimentos de perda (Reis; Sartori, 2024).

Frequentemente, crianças em estágios iniciais de desenvolvimento cognitivo consideram a morte como reversível e atribuem funções vitais a objetos inanimados. Torres (2002) afirma que a aquisição dos conceitos de irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade ocorre por volta dos sete anos, alinhando-se ao desenvolvimento das operações concretas descritas por Piaget. Antes disso, a compreensão é limitada pela forma como a criança interpreta os estímulos e classifica a realidade.

Kübler-Ross (2017) exemplifica que a criança, muitas vezes, vê a morte como algo transitório, semelhante a um divórcio, mantendo esperança de reunião. Quando os adultos evitam abordar o tema ou tentam compensar com

presentes, a criança pode interpretar esse silenciamento como traição, levando a sentimentos de desconfiança e insegurança. A forma como a morte é comunicada à criança pode marcar profundamente sua experiência emocional.

Como apontado por Delalibera et al (2015), um funcionamento saudável da família, que inclui a abertura para a comunicação e a expressão de sentimentos e pensamentos, bem como a coesão entre seus integrantes, pode contribuir para o processo de adaptação à situação de perda. Deixar de comunicar a verdade à criança pode gerar sentimento de culpa, especialmente em razão do pensamento mágico característico da infância. A criança pode acreditar que seus desejos ou conflitos causaram a morte, o que pode ser evitado com explicações adequadas ao seu nível de compreensão (Kovács, 1992). Kovács também alerta que, ao evitar falar sobre a morte, os adultos podem gerar desamparo e confusão nas crianças, que possuem aguçada capacidade de percepção. O silêncio, embora bem-intencionado, tende a intensificar o sofrimento.

As pesquisas de Delalibera et al. (2015) apontam que as famílias disfuncionais apresentam maior sintomatologia psicopatológica, maior morbidade psicossocial, pior funcionamento social, dificuldade para acessar os recursos comunitários, menor capacidade funcional no trabalho e um processo de luto mais complexo. Mazorra e Tinoco (2005) alertam para a inadequada comparação entre o luto infantil e o adulto. Os autores afirmam que o processo de elaboração do luto em crianças não segue um padrão contínuo e que o que poderia ser avaliado como luto complicado no adulto, pode ser uma resposta esperada para a infância.

Parece equivocado conceituar o luto da criança como saudável, ou complicado seguindo os mesmos padrões de diagnóstico utilizados para o luto do adulto, considerando-se que seu processo de elaboração não é contínuo; o que poderia ser avaliado como luto complicado para o adulto, pode ser o processo adequado para a criança (Mazorra; Tinoco, 2005, p. 27).

Aberastury (1981) enfatiza que quanto menor a idade da criança, mais intensas são as consequências da perda. O equilíbrio mental prévio, a forma como a família comunica a morte e o tipo de vínculo perdido são fatores que influenciam diretamente a elaboração do luto. A responsabilização que a criança

pode sentir por pensamentos ou desejos anteriores à perda também deve ser considerada no acompanhamento terapêutico.

A criança que, com raiva, anseia pela morte da mãe porque esta não atendeu aos seus anseios de destruição ficará profundamente traumatizada se isso realmente ocorrer, mesmo que não exista qualquer conexão temporal com seus anseios de destruição. Poderá assumir uma parcela ou a totalidade da culpa pelo falecimento de sua mãe (Kübler-Ross, 2017). Tais manifestações reforçam a necessidade de que o adulto cuidador esteja preparado para acompanhar a criança em seu processo de luto, promovendo escuta ativa, acolhimento e informações adequadas ao seu nível de compreensão.

4.2. O desenvolvimento infantil e a compreensão da morte

Para compreender como o luto se articula ao desenvolvimento infantil, é necessário dialogar com diferentes abordagens teóricas para sintetizar de forma ampla os achados. Piaget e Inhelder (2006) e a psicologia do desenvolvimento afirmam que o comportamento é resultado da interação entre sujeito e meio, não sendo inato nem meramente condicionado.

O desenvolvimento infantil é um processo de aprendizado que ocorre por meio de mudanças e transformações cognitivas, físicas, sociais e emocionais (Reis; Sartori, 2024; Lima et al, 2023). Os aspectos afetivos, sociais e cognitivos da conduta são, de fato, indissociáveis, e o crescimento mental da criança se dá por uma sucessão de grandes construções que englobam o desenvolvimento orgânico e mental (Piaget; Inhelder, 2006).

Nesse contexto, a compreensão da morte é um processo lento (Baseggio; Mello, 2013) que depende dos padrões de processos mentais da criança em um estágio específico do seu desenvolvimento (Frade; Barragán, 2005). O conceito de morte se torna mais realista conforme o nível de maturação cognitiva da criança (Giaretton et al, 2020), e a aquisição da noção de finitude se inicia com o amadurecimento cognitivo (Baseggio; Mello, 2013).

Essas mudanças estruturais são fundamentais para a orientação (Reis; Sartori, 2024), visto que o tema da morte, por ser um desafio afetivo e cognitivo (Baseggio; Mello, 2013), deve ser abordado respeitando-se o nível de aptidão da criança para abstrair (Nunes et al, 1998). É essencial que o processo de

aprendizagem sobre a morte ocorra em etapas graduais, de acordo com a capacidade intelectual e emocional da criança (Giaretton et al, 2020; Nunes et al, 1998; Torres, 1979), o que dita a qualidade e a natureza do suporte que será oferecido ao aluno enlutado (Kovács; Lima, 2011). A compreensão da etapa do desenvolvimento em que a criança se encontra é crucial para uma comunicação mais eficiente e adequada (Flores, 2021).

Biaggio (2005) ressalta que, embora Piaget tenha delimitado estágios por faixas etárias, essas idades não são rígidas e podem variar conforme a individualidade de cada criança. Torres (2002), em suas pesquisas, investigou como as crianças constroem cognitivamente o conceito de morte com base nos estágios piagetianos, analisando a compreensão das noções de irreversibilidade, universalidade e não-funcionalidade. A autora identifica três etapas no desenvolvimento do conceito de morte: (1) percepção da morte como estado, (2) como explicação funcional, e (3) como conceito abstrato. A transição entre essas etapas depende da maturação cognitiva e da capacidade de inter-relação dos componentes da morte. Torres (1979) aponta que, desde a infância precoce, as crianças apresentam uma representação da morte que evolui paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, sendo progressivamente elaborada à medida que suas estruturas mentais amadurecem.

Kovács (1992) também fundamenta sua análise em Piaget, destacando que, na fase pré-operatória, a criança ainda não compreende a morte como definitiva. Já na fase das operações concretas, há uma noção de irreversibilidade, embora ainda limitada. A compreensão plena da universalidade e da abstração da morte ocorre somente no estágio das operações formais.

Piaget e Inhelder (2006) descrevem que as primeiras conservações operatórias surgem entre os 7 e 8 anos, desenvolvendo-se até os 12 anos com a conservação de volume. Antes disso, as constâncias perceptivas aparecem desde o primeiro ano de vida, embora a capacidade de dedução lógica ainda esteja ausente até os seis anos. A compreensão de diferentes perspectivas também começa a emergir apenas a partir dos sete anos. Além disso, os autores discutem a importância da linguagem e da memória no desenvolvimento das operações mentais. Após os 7 anos, as imagens mentais se tornam antecipadoras, sustentando as operações cognitivas, embora dependam de

estímulos externos para se desenvolverem. A linguagem, como instrumento social estruturado, oferece à criança um repertório simbólico para organizar seus pensamentos e experiências.

Torres (1979, 2002) aplicou um instrumento composto por 36 itens para avaliar três dimensões do conceito de morte biológica: extensão (universalidade), significado (não-funcionalidade) e duração (irreversibilidade). Essa metodologia permitiu analisar o modo como as crianças internalizam o conceito de morte ao longo do desenvolvimento, ainda que permaneçam lacunas teóricas sobre as habilidades cognitivas específicas envolvidas nesse processo.

A criança demonstra uma habilidade de observação aguçada, e quando o adulto tenta evitar discutir o assunto da morte com ela, sua reação pode ser a expressão de sintomas. Ao se calar, o adulto acredita que está resguardando a criança, como se essa proteção fosse capaz de amenizar a dor e transformar a realidade de forma mágica. O que acontece é que a criança fica confusa e desprotegida, sem ninguém com quem dialogar (Kovács, 1992).

As abordagens discutidas permitem traçar importantes paralelos entre o luto infantil e o processo de desenvolvimento. O luto, ao afetar o funcionamento emocional da criança, pode interferir diretamente em etapas do desenvolvimento cognitivo e social, especialmente quando não há suporte adequado. Compreender o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra possibilita a criação de estratégias de intervenção mais sensíveis e eficazes, tanto no contexto clínico quanto escolar.

Cordeiro e Lier-Devitto (2023) observam que a elaboração do luto envolve o reconhecimento da perda e o desligamento emocional do objeto perdido, o que exige um movimento interno de ressignificação. Esse processo pode ser dificultado por sentimentos ambíguos, como culpa ou raiva, que interferem na adaptação emocional.

Torres (2002) identificou que a compreensão da morte como universal e irreversível evolui progressivamente, sendo mais consolidada entre crianças no estágio operacional concreto. Crianças portadoras de doenças crônicas, quando comparadas com crianças sadias de mesma idade, apresentaram dificuldades iniciais, mas, ao longo do desenvolvimento, aproximaram-se das concepções de crianças de nível socioeconômico mais favorecido. Essa aproximação evidencia

o potencial de determinadas experiências de sofrimento em acelerar a maturação cognitiva e emocional.

Com base nos resultados de Torres (2002), o estudo concluiu que a defasagem cognitiva associada à condição socioeconômica não se agravou necessariamente com a presença de doença crônica, mas que esta última influenciou negativamente o início da compreensão da morte, especialmente na fase Pré-Operacional. Por outro lado, na fase Operacional Concreta, o confronto com o sofrimento e a ameaça de morte funcionou como um fator de amadurecimento que contribuiu para a compreensão das três dimensões da morte: extensão, significado e duração. Assim, crianças com doenças crônicas nesse estágio apresentaram concepções mais próximas das de crianças sadias de classes sociais mais favorecidas, evidenciando como certas vivências intensas podem acelerar a elaboração de noções complexas como a morte.

Mazorra e Tinoco (2005) reforçam que a criança vivencia o luto segundo um modelo próprio de elaboração, condicionado por seu desenvolvimento cognitivo e emocional e pela dependência de adultos cuidadores. Por isso, é fundamental que os adultos ofereçam suporte contínuo, sem omitir informações ou afastar a criança do contexto de perda.

Kübler-Ross (2017) defende que envolver a criança em conversas e vivências relacionadas ao luto ajuda a evitar o isolamento emocional e promove a integração da experiência da perda ao seu desenvolvimento. Enfrentar o luto de maneira compartilhada permite que a morte seja compreendida como parte da vida, favorecendo o crescimento e a maturidade psicológica.

Conforme Aberastury (1981) a perda é mais grave e tem maiores consequências quanto mais nova é a criança. O estado mental antes da morte, a reação dos familiares em relação ao ocorrido e a maneira como a notícia é transmitida são elementos que podem complicar ou simplificar o processo de luto, que por si só é um processo difícil e doloroso.

A partir das diferentes perspectivas analisadas, é possível compreender que a relação entre desenvolvimento infantil e compreensão da morte é atravessada por fatores cognitivos, afetivos e socioculturais, cuja interação define o modo como a criança assimila a experiência da perda. Embora o amadurecimento cognitivo proporcione condições para compreender noções

como irreversibilidade e universalidade, o suporte afetivo e a mediação dos adultos se mostram determinantes para que essa compreensão se converta em elaboração emocional saudável. O luto, nesse sentido, não deve ser entendido como obstáculo ao desenvolvimento, mas como experiência formativa que, se acolhida de modo adequado, pode favorecer a ampliação das capacidades simbólicas e relacionais da criança. Dessa forma, compreender as especificidades do luto na infância implica reconhecer a criança como sujeito ativo no processo de significação da perda, cuja elaboração depende tanto de sua estrutura cognitiva quanto do ambiente relacional que a sustenta (Torres, 2002; Kovács, 1992; Kübler-Ross, 2017; Mazorra; Tinoco, 2005).

4.3. O luto e suas interferências no desenvolvimento e na aprendizagem

Diversos fatores podem interferir na forma como a criança desenvolve a compreensão da morte. Kovács (1992) observa que muitos adultos evitam falar sobre o tema com crianças, acreditando que o silêncio pode protegê-las. No entanto, a autora argumenta que abordagens claras e adaptadas ao nível de desenvolvimento da criança favorecem a elaboração do luto. O brincar, mais uma vez, aparece como um recurso valioso para expressar sentimentos e assimilar experiências difíceis.

Torres (2002) destaca que o desenvolvimento do conceito de morte não depende apenas da idade ou do estágio cognitivo, mas também das experiências pessoais com a morte e das informações recebidas. Vivências anteriores, o modo como a morte é apresentada, e fatores culturais e sociais influenciam diretamente esse processo.

Piaget define o desenvolvimento como um processo contínuo de equilíbrio e reorganização do conhecimento. Nunes et al. (1998) complementam que esse equilíbrio ocorre à medida que o indivíduo busca compreender e se adaptar ao mundo ao seu redor. No caso do luto, essa adaptação pode ser afetada por variáveis como doença, ambiente familiar e classe social.

Mazorra e Tinoco (2005), apontam que, desde muito cedo, a criança experimenta reações de tristeza e luto diante da ausência de figuras significativas. Embora essas reações iniciais sejam limitadas simbolicamente, já indicam a presença de mecanismos de elaboração emocional. Contudo, apenas

por volta dos 16 meses, a criança começa a desenvolver maior capacidade simbólica para processar essas perdas, ainda que de forma distinta dos adultos.

Torres (2002) observou, em seus estudos, que crianças portadoras de doenças crônicas apresentaram maior ambivalência na compreensão da morte durante o estágio pré-operacional. A condição socioeconômica também se mostrou relevante, associada a uma defasagem cognitiva já identificada em crianças saudáveis. Embora a doença crônica não agravasse esse quadro, seu impacto desestruturante foi evidente, sobretudo na fase inicial da aquisição do conceito de morte.

A perda de alguém significativo representa não apenas um rompimento externo, mas também evoca a própria finitude e as vulnerabilidades internas associadas à morte, tornando o luto uma experiência profundamente pessoal e ameaçadora. Perder um ente querido não é apenas uma perda, mas também um lembrete da própria mortalidade e uma ameaça. Todo o seu significado pessoal e internalizado é, portanto, evocado, e as fragilidades pessoais relacionadas a ele são remexidas (Bromberg, 2000).

4.4. Perspectivas teóricas sobre o luto e desenvolvimento infantil

O luto infantil tem sido objeto de análise em distintas abordagens teóricas, cada qual oferecendo contribuições específicas para a compreensão do fenômeno e suas implicações no desenvolvimento. Essa diversidade de perspectivas enriquece o debate acadêmico, uma vez que a articulação entre diferentes referenciais permite considerar tanto os aspectos intrapsíquicos quanto os cognitivos, sociais e culturais envolvidos na experiência da perda. Entretanto, compreender como essas perspectivas dialogam entre si, e também onde se encontram suas limitações, é fundamental para avançar na construção de práticas mais consistentes.

Segundo Kübler-Ross (2017), a morte ainda é vista como um evento assustador, um temor universal, mesmo diante de avanços médicos e sociais que possibilitam maior controle sobre muitas dimensões da vida. A transformação reside no modo como encaramos a morte e o morrer, especialmente em situações de terminalidade. Na perspectiva psicanalítica, a autora enfatiza que a criança pode vivenciar sentimentos intensos de culpa

diante da morte de uma figura significativa, sobretudo quando desejos inconscientes ou fantasias agressivas coincidem com a perda real. Esses conteúdos internos moldam profundamente o processo de elaboração do luto, trazendo à tona angústias que precisam ser simbolizadas. Freud (2010) reforça essa compreensão ao afirmar que a morte confronta a onipotência narcísica, evocando medo, vazio e impotência, desafiando as defesas psíquicas do sujeito. Essa perspectiva destaca, portanto, a densidade emocional e inconsciente do luto, ressaltando que não se trata apenas de um processo racional de aceitação, mas de um embate interno entre pulsões, fantasias e defesas.

Entretanto, a abordagem psicanalítica, ao focar nos conteúdos latentes, pouco explica sobre como a criança organiza cognitivamente a ideia de morte. É nesse ponto que se destaca a psicologia do desenvolvimento, especialmente nas pesquisas de Torres (2002), apoiada nos pressupostos de Piaget. A autora identificou que noções como irreversibilidade, universalidade e não-funcionalidade da morte se consolidam de modo gradual, acompanhando os estágios cognitivos. No período pré-operacional, a criança tende a apresentar compreensão fragmentada e ambivalente; já no estágio operatório concreto, ocorre maior clareza acerca da irreversibilidade da morte. A contribuição dessa perspectiva é mostrar que a elaboração do luto não se dá apenas no plano emocional ou inconsciente, mas também depende do amadurecimento cognitivo, que possibilita à criança compreender a perda como um fenômeno biológico e inevitável. Aqui, observa-se a complementaridade entre psicanálise e desenvolvimento: enquanto uma ilumina os fantasmas inconscientes, a outra explica as estruturas mentais que permitem à criança ressignificar a perda.

Do ponto de vista clínico, o brincar e a ludoterapia são recursos privilegiados e ferramentas eficazes para auxiliar na elaboração do luto infantil (Reis; Sartori, 2024; Oliveira; Rodrigues, 2021; Lima et al, 2023). O brincar é entendido como linguagem e recurso no trabalho psicoterapêutico com crianças, pois através da brincadeira a criança representa simbolicamente suas fantasias, desejos e experiências (Reis; Sartori, 2024; Klein, 1996). A ludoterapia, que se originou na psicanálise, permite que a criança externe e renomeie a realidade vivenciada, expressando seus conflitos e emoções que talvez ainda não consiga traduzir verbalmente (Lima et al, 2023; Reis; Sartori, 2024).

Essa abordagem facilita o acesso ao sofrimento da criança, pois o jogo simbólico permite dar forma à realidade e reviver experiências difíceis de forma ativa, o que pode reduzir o efeito traumático e ajudar a superar a dolorosa realidade (Reis; Sartori, 2024; Oliveira; Rodrigues, 2021; Lima et al, 2023). O principal objetivo da intervenção psicológica com atividades lúdicas é incentivar a criança a trazer à tona suas fantasias e ansiedades, permitindo uma melhor compreensão do que está oculto e criando um ajuste à sua nova realidade (Reis; Sartori, 2024). Para que o suporte oferecido seja efetivo, o luto deve ser abordado respeitando-se o nível de aptidão e a capacidade de abstração da criança (Torres, 1978; Yamaura; Veronez, 2016). As reações da criança no processo de luto dependem do seu estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional, o que dita a qualidade e a natureza do suporte oferecido (Kovács; Lima, 2011; Flores, 2021; Worden, 2013).

Essa perspectiva é particularmente relevante porque não se restringe ao diagnóstico da elaboração cognitiva ou ao reconhecimento de conteúdos inconscientes, mas oferece instrumentos concretos de intervenção que conectam ambos os aspectos. Assim, a clínica contribui para transformar a compreensão teórica em prática de cuidado.

Ainda que a clínica permita acessar o mundo interno da criança, ela se mostra insuficiente se desconsiderar o contexto em que essa criança está inserida. Kovács e Lima (2011) evidenciam que o silêncio e o tabu em torno da morte, característicos da sociedade contemporânea, podem intensificar sentimentos de medo e solidão, dificultando a elaboração do luto. Quando os adultos evitam o tema, a criança se vê privada de referências simbólicas que poderiam ajudá-la a compreender sua experiência. Essa dimensão social e cultural mostra que a eficácia de qualquer intervenção clínica ou pedagógica depende também da forma como a comunidade e a família reconhecem a legitimidade da dor infantil.

A perspectiva existencial amplia ainda mais esse quadro, acrescentando uma dimensão de vulnerabilidade humana. Bromberg (2000) argumenta que a perda evoca não apenas a ausência de uma figura significativa, mas também a consciência da própria finitude. No caso da criança, essa experiência pode ser ainda mais impactante, pois a perda de alguém próximo mobiliza não apenas a

dor da separação, mas a descoberta da inevitabilidade da morte. Essa abordagem, ao invés de se restringir à dinâmica psíquica ou cognitiva, insere o luto em uma reflexão sobre a condição humana como um todo.

Essas abordagens, ao mesmo tempo que apresentam divergências em seus focos analíticos, também se complementam. Enquanto a psicanálise enfatiza os processos inconscientes, a psicologia do desenvolvimento valoriza a progressão cognitiva, a clínica se apoia em instrumentos terapêuticos concretos, e a psicologia social ilumina o peso das representações culturais. Juntas, elas oferecem um panorama abrangente e integrado para compreender o luto na infância, ampliando as possibilidades de intervenção em contextos educativos, familiares e clínicos.

Dessa forma, observa-se que cada perspectiva contribui de maneira singular, mas também revela seus limites. A psicanálise aprofunda a compreensão dos conteúdos inconscientes, mas pouco aborda o processo de aquisição cognitiva. A psicologia do desenvolvimento explica a progressão conceitual da ideia de morte, mas tende a reduzir a experiência do luto ao amadurecimento cognitivo. A clínica, especialmente por meio da ludoterapia, fornece ferramentas práticas, mas demanda apoio familiar e social para ser eficaz. A psicologia social e cultural evidencia como o tabu e o silêncio podem agravar o sofrimento, apontando para a necessidade de uma abertura comunicativa. Por fim, a perspectiva existencial acrescenta densidade, ao lembrar que o luto conecta a criança à dimensão inevitável da finitude.

Assim, a análise integrada dessas abordagens permite afirmar que o luto infantil só pode ser compreendido de forma consistente quando se articula a dimensão inconsciente, o desenvolvimento cognitivo, os recursos clínicos de simbolização, o contexto cultural e a condição existencial humana. Mais do que descrever manifestações ou estágios, essa integração aponta para a necessidade de estratégias interdisciplinares que contemplem a criança em sua totalidade, ampliando as possibilidades de intervenção em contextos educativos, familiares e clínicos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que, então, dedicar um estudo a um tema que remete a tanto sofrimento? Nosso enfoque a essa discussão reside na necessidade de olhar para uma realidade intrínseca à vida humana. O luto, em sua manifestação na infância, exige um olhar atento que implica em uma postura de não apenas nomear a dor, mas de construir caminhos de suporte e acolhimento.

Este estudo buscou compreender os impactos do luto na infância e suas implicações no desenvolvimento socioemocional e cognitivo das crianças e quais possíveis danos podem gerar na aprendizagem. Para isso, foram analisadas abordagens teóricas que explicam como a experiência do luto pode afetar tanto o aprendizado quanto a saúde emocional nessa fase inicial da vida. Investigou-se os conceitos centrais relacionados ao tema e buscou estabelecer conexões entre os efeitos do luto no contexto educacional.

Às dificuldades encontradas na revisão da literatura científica sobre o luto infantil e seus impactos no desenvolvimento da aprendizagem, os objetivos propostos foram parcialmente alcançados. A escassez de estudos aprofundados sobre essa temática limitou a formulação de uma compreensão mais precisa das relações entre o luto e o processo de aprendizagem. Apesar disso, foi possível identificar, por meio de categorias temáticas, os aspectos mais relevantes de cada fragmento, permitindo uma análise mais clara da problemática em seus respectivos pontos. As categorias estabelecidas foram: o luto na infância: conceito e manifestações; o desenvolvimento infantil e a compreensão da morte; o luto e suas interferências no desenvolvimento e na aprendizagem e perspectivas teóricas sobre o luto e desenvolvimento infantil.

Apesar da significativa lacuna identificada, o presente estudo, por meio da estratégia adotada de realizar aproximações na compreensão do impacto do luto na infância e suas implicações no desenvolvimento infantil, possibilitou a construção de suma sustentação teórica consistente para a investigação proposta. Observou-se que o conceito de luto infantil é frequentemente negligenciado, apesar de sua extrema relevância, especialmente considerando as implicações que pode ter na percepção da morte e no desenvolvimento cognitivo da criança.

Conforme apontado por Torres (1978), no subperíodo pré-operacional, a criança não distingue claramente a morte, já no subperíodo de operações concretas, desenvolve uma definição da morte baseada em aspectos perceptivos, e no terceiro período, o operatório formal, estabelece um entendimento mais claro sobre a morte. Além disso, conforme Oliveira e Rodrigues (2021), a vivência da perda pode acarretar dificuldades de concentração, queda no rendimento escolar, comportamentos agressivos ou retraídos e sintomas psicossomáticos.

Diante do exposto, é possível compreender que o luto é uma experiência emocional intensa e muitas vezes inesperadas, pode desencadear reações adversas significativas, sobretudo em crianças. Conforme apontam Alves e Kovács (2016), a perda de entes queridos confronta a criança com a finitude da vida, podendo resultar em dificuldades escolares, sintomas físicos e mentais, ansiedade e falta de confiança.

Além disso, a manifestação do luto infantil não é homogênea, variando conforme a idade, o estágio de desenvolvimento infantil, as vivências familiares, os aspectos culturais e o ambiente em que a criança está inserida. Na infância, tais manifestações podem se expressar por meio de comportamentos regressivos, isolamento, agressividade, distúrbios alimentares, somatizações ou até mesmo nas brincadeiras. Além disso, vivências prévias de perda influenciam diretamente a forma como a criança reage.

Portanto, a ausência de suporte emocional adequado pode intensificar sentimentos de desamparo, confusão, culpa e insegurança, comprometendo não apenas o desenvolvimento social, emocional e cognitivo, mas também o processo de aprendizagem e o desempenho escolar. Sendo assim, torna-se evidente a necessidade de atenção especializada e sensível às especificidades do luto infantil, a fim de mitigar seus impactos e promover um desenvolvimento saudável.

A partir desta pesquisa, compreendeu-se que é essencial não comparar o luto de uma criança com o de um adulto. Observou-se que, embora não seja uma regra absoluta, o estágio de desenvolvimento da criança contribui para a maturação do seu conceito de morte, assim como a forma de comunicação e os fatores sociais e culturais podem afetar seu desenvolvimento.

Nesse ínterim, Anna Freud (1996) e Melanie Klein (1996) reforçam a perspectiva de que a compreensão verbal da morte é fundamental para que a criança inicie o processo de elaboração da perda e isso expressa uma ideia central da psicanálise no luto infantil. Anna Freud ainda enfatiza que a criança precisa compreender o conceito de morte no nível que sua idade e desenvolvimento permitem para que então o trabalho do luto possa se iniciar.

Posto o supracitado, espera-se que esta pesquisa contribua como subsídio relevante para pais, profissionais da educação, da saúde e psicólogos infantis, possibilitando-lhes oferecer suporte qualificado à criança enlutada, favorecendo uma vivência mais saudável diante da perda. Tal apoio pode evitar o isolamento emocional e promover a integração dessa experiência ao seu desenvolvimento. Considera-se que o enfrentamento de perdas é uma condição inevitável ao longo da vida, estendendo-se até a própria finitude, o que reforça a importância de preparar a criança para lidar com essas situações de forma acolhedora e consciente.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem este tema, focando na coleta de dados mais precisos e atualizados sobre os impactos do luto na educação infantil. Esse conhecimento é fundamental para subsidiar práticas de prevenção, visando promover a saúde emocional das crianças e, conseqüentemente, favorecer seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda. Conflitos na elaboração do luto. In: **Psicanálise da criança**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 10520 - Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em <https://www.normasabnt.org/nbr-10520/> Acesso em 05 de maio de 2024.

ALVES, Elaine Gomes dos Reis; KOVÁCS, Maria Júlia; Morte de aluno: luto na escola. *Psicologia Escolar Educacional*, v. 20 , n. 2, p. 403 - 406, SP 04, agosto de 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202990>. Acesso em 17 de setembro de 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR. 5.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASEGGIO, Denice Bortolin; MELLO, Amanda Reginato de. Infância e Morte: um Estudo Acerca da Percepção das Crianças sobre o Fim da Vida. *Revista de Psicologia da IMED*, Jan.-Jun, 2013, num. espec. v. 5, n. 1, p. 23-31

BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. vol.7 no.1 Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 abril 2024.

BEE, Helen. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas 1997.

BIAGGIO, Ângela Maria Brasil. *Psicologia do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP. **Guia de normalização para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade Paulista**: ABNT. São Paulo: UNIP, 2023. Disponível em: <https://unip.br/servicos/biblioteca/guia.aspx>. Acesso em 05 de maio de 2024.

BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco. *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. São Paulo: Livro Pleno, 2000.

CORDEIRO, Michelly Daiane de Souza Gaspar; LIER-DEVITTO, Maria Francisca. Elaboração do luto e escritas autobiográficas na Clínica de Linguagem com afásicos. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 39, n. 4, p.1-23. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/cnDCTWjs4vFQx7JPMwVw4Bs/>. Acesso em 24 de abril de 2025.

DELALIBERA, Mayra; PRESA, Joana; COELHO, Alexandra; BARBOSA, Antônio; FRANCO, Maria Helena Pereira. A dinâmica familiar no processo de luto: revisão sistemática da literatura. *Ciênc. saúde coletiva* 20 (4), 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015204.09562014>. Acesso em 21 abril 2024.

EDLER, Sandra.; FREUD, Sigmund. Luto e melancolia: à sombra do espetáculo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

EIDT, Nadia Mara; DUARTE, Newton. Contribuições da teoria da atividade para o debate sobre a natureza da atividade de ensino escolar. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 24, p. 51-72, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 abril 2024

FLORES, Dara Maria Martins de Souza. **Luto infantil e a educação para a morte no contexto escolar**. Orientadora: Dra. Marita Pereira Penariol. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, 2021.

FRADE, Liliana Peña; BARRAGÁN, Clemencia Montaña de. Manejo do luto em crianças e adolescentes sob a perspectiva cognitivo-comportamental. In: **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente** - transtornos específicos. São Paulo: Santos, 2005.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Por que estudar o luto na atualidade? In: *Formação e rompimento de vínculos: O dilema das perdas na atualidade*. São Paulo : Summus, 2010.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. **Criança e luto**: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 24, n. 4, p. 503–511, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009>. Acesso em 21 de abril de 2024.

FREUD, Anna. O Ego e os Mecanismos de Defesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Obras completas – Vol. XII: Técnica da psicanálise e outros textos (1911-1915)*. Rio de Janeiro: Imago, 2010. p. 249-265.

FRONZA, Leila Portella; QUINTANA, Alberto Manuel; WEISSHEIMER, Taiane Klein dos Santos; BARBIERI, Ângela. O tema da morte nas escolas: possibilidades de reflexão. *Barbarói*, p. 48–71, 2015. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/barbaroi/article/view/3496>. Acesso em 21 abril 2024.

GIARETTON, Daynah Waihrich Leal; OLESIAK, Luísa da Rosa; MÜNCHEN, Mikaela Aline Bade; QUINTANA, Alberto Manuel. A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. e250035, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FJ3gwgKxR4Cbkbs8tNkG8tD/?lang=pt>. Acesso em: 23 de agosto de 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; STROPARO, Telma Regina; COSTA, Michel da; CASTRO JÚNIOR, Francisco Pires de; LACERDA JÚNIOR, Orivaldo da Silva; BRASIL, Melca Moura; CAMBA, Mariangela. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**. V. 15, N. 7, p. 01-15, 2024 São José dos Pinhais, Paraná, Brasil. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019>. Acesso em: 7 set. 2025.

HOHENDORFF, Jean Von; MELO, Wilson Vieira. Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. Estudos e Pesquisa em Psicologia, v.9, n. 2. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200014. Acesso em 16 de setembro de 2024.

JUCÁ, Viádia Jamile dos Santos; SILVA, Ana Carla Nunes da; PASSOS, Cecília Mello; CASTRO, Gabriela Alves de; MELO, Geisa Bastos; TORTORELLA, Isabele; SENA, Israel de Jesus; SOUZA, Juliana da Arcela de; OLIVEIRA, Laís; LIMA, Poliane; SAMPAIO, Renata Oliveira; REIS, Samara dos. **Significando a morte, através de redes sociais, em um Contexto de vulnerabilidade social** – um estudo com Crianças pré-escolares, seus pais e professores. Psicologia & Sociedade; v. 19, n 2, p. 122-130, 2007

KLEIN, Melanie. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento Humano. 2ª ed. v.1. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Julia; LIMA, Vanessa Rodrigues de. **Morte na família**: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 31, n. 2, p. 390–405, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/L3xKm8W96yYnCMB3JF6RDZq/#>. Acesso em: 21 de abril de 2024.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LIMA, Abigail Rodrigues da Silva; SILVA, Edilane Ribeiro; LIMA, Gabrielle Fernandez Barbado; SILVA, Jéssika Camilla Lima. **Crianças que passaram pelo processo de luto**: um estudo a partir da psicologia do desenvolvimento. Orientador: Me. Wanderson Barreto. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - FacUnicamps, Goiânia, 2023.

MAZORRA, Luciana. A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto. Pontífica Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 2009.

MAZORRA, Luciana; TINOCO, Valéria. Luto na infância: intervenções em diferentes contextos. 1ª ed. v. 1. Campinas: Livro Pleno, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NUNES, Deise Cardoso; CARRARO, Luciane; JOU, Graciela Inchausti de; SPERB, Tânia Mara. As crianças e o conceito de morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 11, n. 3, p. 579–590, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300015>. Acesso em 21 de abril de 2024.

OLIVEIRA, Suelen Dayanne Limberger de; RODRIGUES, Fábio da Silva. **Luto infantil**: Como a escola lida com essa situação? Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), v. 5, n. 1, 9 out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/14358>. Acesso em: 23 de agosto de 2024.

PIAGET, Jean.; INHELDER, Bärbel. A psicologia da criança. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

REIS, Simone dos; SARTORI, Cássia Maria Tasca. Luto infantil: o papel vital da psicologia e da família no enfrentamento. *Cadernos de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 6, n. 10, p.887-902, jan./jun. 2024

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. **Concepção de morte na infância**. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 2, p. 379–387, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dpNgmLwyLTmYqHG4T3zByj/#>. Acesso em 05 de maio de 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

TORRES, Wilma da Costa. O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 221–229, maio 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200012>. Acesso em 05 de maio de 2024.

TORRES, Wilma da Costa. **O conceito de morte em diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo**: uma abordagem preliminar. Dissertação de mestrado da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro: 1978. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/9633>. Acesso em 05 de maio de 2024.

TORRES, Wilma da Costa. O conceito de morte na criança. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v. 31 (4), 1979. Disponível em:

<https://periodicos.fgv.br/abp/article/view/18239/16986>. Acesso em 24 de abril de 2025.

TORRES, Wilma da Costa. O desenvolvimento cognitivo e a aquisição do conceito de morte em crianças de diferentes condições socio-experienciais. 1996. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, São Paulo, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1996.115453>. Acesso em 24 de abril de 2025.

TORRES, Wilma da Costa. O tema da morte na psicologia infantil: uma revisão da literatura. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v 32 (2), 1980. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/abp/article/view/18352/17112>. Acesso em 08 de maio de 2025.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

WORDEN, James William. Aconselhamento do luto e terapia do luto: Um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Roca, 2013.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicol. hosp. (São Paulo)**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 78-93, 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092016000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 abril 2024.

ZWIELEWSKI, Grazielle; SANT'ANA, Vânia. Detalhes de protocolo de luto e a terapia cognitivo-comportamental. *Brasileira de Terapias Cognitivas*. v.12, n.1, p. 27-34, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872016000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 abril 2024.